

POR UM MUNDO MENOS TOLERANTE E MAIS HOSPITALEIRO

Luis Alberto Méndez Gutierrez

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Apoio CAPES

Resumo: Na atualidade estamos enfrentando uma forte onda de intolerância e tolerância, potencializando e valorizando a Tolerância como sendo um modelo a seguir, e seria a solução para as fortes condutas violentas, discriminatórias e criminosas que estamos sendo vítimas nas relações interpessoais e nas relações entre culturas e países. Tolerar o desigual, o assimétrico é uma luta desigual, do mais forte contra aquele que pela sua realidade social, tem sido enfraquecido. Como formar uma consciência e uma cultura, não do tolerar-aguentar a partir de minhas condições impostas; mas uma cultura de hospitalidade, de acolhida, de abertura ao distante, ao assimétrico e estranho. A hospitalidade incondicional, ou seja, não coloco nenhuma condição, a única condição para acolher ao estrangeiro que chega do além do horizonte, é não ter condições. Desse modo não acolho uma categoria *estrangeiro*, mas uma pessoa que tem sua individualidade e sua unicidade. Para uma acolhida com hospitalidade é necessário criar um deslocamento na minha interioridade, me acomodar diferente, o outro que chega sempre provoca um movimento interior e exterior no meu *eu*; quando não acolho ao assimétrico, colocando condições na sua chegada, nada de novo acontece no *eu*. Acolher com hospitalidade é a possibilidade de nos experimentar diferente e de inaugurar algo novo em nós, na construção de sermos cada vez melhores, mais humanos, solidários e hospitaleiros.

Palavras-chave: Tolerância, Intolerância, Hospitalidade condicional, Hospitalidade incondicional, Estrangeiro.

ABSTRACT: Currently we are facing a strong wave of tolerance against intolerance. Leveraging tolerance as the model to be followed would be the solution against violent, discriminatory and criminal actions that we are suffering in our personal relations and in the relationship between cultures and countries. To tolerate the different, the asymmetry is an uneven fight, of the strongest against the ones that are weakened by their own social reality. How to form a mindset and a culture not to endure and accept, but a culture of hospitality, of support to the different, asymmetric and odd. The unconditional hospitality, which means to no

put any condition, the only condition to shelter a foreigner is to have no conditions at all. On that manner, we do not shelter a category of foreigners, but a person that has his own individuality and is unique. When sheltering with hospitality, it is necessary to create a distance in my own interior, the other that comes will always provoke a movement inwards and outwards of myself; when I do not shelter the asymmetric and add conditions to his arrival, nothing new happens in me. To shelter with hospitality is the possibility of experience ourselves new and start something new inwards, on the construction of being better every time, more hospitable, more humans, and more giving.

Neste artigo, pretendo distanciar os conceitos de Tolerância e Hospitalidade, já que popularmente escutamos falar muito em *Tolerância* como sendo um dos caminhos para que as relações com os outros - desiguais, assimétricos, absolutamente outros - seja de respeito de solidariedade e de bem comum. A tolerância é a que rege as relações totalitárias, fechadas, e aqueles sistemas que sentem o outro como uma ameaça, e pensam que precisamos nos armar para terminar com a existência daqueles que ousam ser diferentes de nós. Pensar a sociedade atual mais tolerante sem perceber que, por ser demasiado tolerante, as relações estão fraturadas e há um estado de violência, de injustiça e de guerra permanente. Esta realidade está muito presente nos dias atuais na movimentação humana – migração -, na figura do estrangeiro econômico. Proponho que a alternativa para a intolerância não seja a tolerância, mas a hospitalidade.

Hospitalidade para com o estranho

Sempre que falamos de hospitalidade somos levados a pensar no estrangeiro, aquele estranho que não faz parte de um grupo, cidade ou país. O estrangeiro é o desconhecido que bate na porta, é alguém que vem de fora do território, além do meu horizonte. Há uma presença que chega e que incomoda, questiona, ocupa um

espaço e, portanto que divide o espaço com essa presença que irrompe do além. Portanto, sempre que falamos em hospitalidade devemos ter em conta que há uma relação assimétrica, há uma disparidade, ou seja, não há sintonia.¹

A palavra *estrangeiro* vem do latim *extraneus* que significa estranho, diferente, que não faz parte da família ou do grupo. Mas também devemos destacar que o estranho não é somente aquele que chega de fora, mas também aquele que fala diferente, que se veste diferente, que tem outra cultura, religião. Nesse momento os indivíduos são separados, classificados de acordo com seus similares². Os que se assemelham entre si formam um gueto, os que pensam e sentem que são mais fortes, dominarão os outros mais enfraquecidos, lhes impondo normas e comportamentos.

Por esse motivo a chegada de esse desconhecido coloca todo o grupo em perigo, ou talvez possa dizer que o próprio grupo se sente em perigo, porque sempre há uma desconfiança por parte do autóctone para com aquele que chega³. Sempre há uma atitude de estranheza com esse hostil, hóspede ou inimigo porque chega de outro tempo, de outro mundo, de um passado imemorial e que se presentifica sem se anunciar, está tudo aí, se impõe. O outro é aquele que o eu não aceita, é o estrangeiro, é o outro absolutamente outro, o *hostil*⁴; também o *hostil* em

¹ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 795.

² MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 795.

³ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 796.

⁴ O hostil em Roma era aquele que lhe seriam reconhecido direitos. Claro depois de conhecê-lo e de passar por várias provações e questionamentos. Segundo: MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 796.

nós mesmo, como dizia Freud, o outro em mim, o desconhecido em mim, que não aceito, que pode ser o objeto que é o recalque.⁵

Segundo Freud, não há nenhum sistema social ou político que possa eliminar esse “mal-estar”, o qual se apresenta como um conflito na sociedade, e também na própria pessoa que o vive como trauma. Esse mal-estar, de acordo com Freud, faz parte da convivência entre as pessoas e é algo estrutural, inerente ao ser humano. Há diferentes “mal-estares”. Há culturas que têm maiores ou menores “mal-estares” que levam a situações de violência ou de indignidade humana. Como no caso do Holocausto, do Nazismo, das guerras, da intolerância religiosa, da xenofobia. De acordo com Freud, o ser humano se torna neurótico porque é exigido dele que corresponda a um padrão de comportamento que uma determinada cultura lhe impõe, porém muitas vezes não consegue atingir ou responder de acordo com essa exigência de comportamento. Caso ele consiga se adequar e atingir o socialmente aceito, tem sucesso, prazer e felicidade; do contrário, desenvolve a frustração. Freud não nega, porém que nas últimas décadas tenha havido muitos avanços tecnológicos e científicos, mas não aumentaram o grau de satisfação pessoal prazerosa, que daria felicidade, mas o contrário⁶. Temos uma sociedade doente, competitiva, triste, incompleta, egoísta; que busca prazer e felicidade nas coisas materiais, numa realidade infantil, inventada para almejar satisfação.

Essa experiência traumática do encontro com o estrangeiro, como outro, como desigual, pode ser de repulsa, e penso que sempre há um repulsa por aquele in-apropriável, diferente, desigual, que não faz par comigo. Que chega a partir da sua epifania infinita e acaba com o espaço e a verdade do eu solitário. O seu tempo é diferente do tempo do eu, não há sincronia dentro da cronologia do eu solitário. O estrangeiro termina com o ritmo estabelecido pela comunidade, e pelo grupo. A

⁵ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 800.

⁶ FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2017. p. 84.

chegada da alteridade radical, é o trauma que como nos diz Freud, provocará uma tremenda perturbação, usando todos os meios possíveis, éticos e não éticos para defender-se desse intruso que chega e provoca dentro do eu, reações incontroladas⁷. Na chegada do estrangeiro ele provoca no encontro um desencontro, estabelecendo outro ritmo a seguir. Ele traz consigo a sua história, o seu passado, seus vestígios e seu contexto e estabelece com a sua presença e a sua verdade, que é desigual a verdade do grupo. Ele tem um passado imemorial, que não tem presente, sempre é passado⁸. Na sua chegada o estrangeiro estabelece uma assimetria e diz que tem fome, tem sede, tem frio, envolvendo determinado grupo em sua realidade desde uma dimensão de altura.⁹

É a mesma experiência que fez Francisco de Assis, que tinha nojo, medo, desprezo pelos leprosos. Ele tinha construído uma imagem do leproso na sua cabeça que a cada dia se convertia num monstro. O leproso que Francisco rechaçava existia na construção fenomenológica. Mas, o encontro com o leproso real e concreto, quando ele o beija, ou, o leproso beija Francisco, no toque faz a verdadeira experiência do leproso. Por isso, esse encontro provoca uma saída um espanto que cada um sai correndo, Nesse momento Francisco procura o leproso e não o encontra. Qual leproso? Aquele que ele tinha construído na sua consciência racional preconceituosa, ele não existe, não está. Por esse motivo pode dizer: “o que antes era amargo se me tornou doçura da alma e do corpo”¹⁰

A relação com o estrangeiro sempre é assimétrica, aquilo que Levinas e Derrida nos colocam, a relação com o absolutamente outro não é uma relação simétrica entre iguais, mas uma relação com o absolutamente diferente, desigual que não faz parte comigo. É aquele que está fora da *polis*, é o vadio que Derrida chama como sendo o *não irmão*, aquele que está fora da lei, que representa a

⁷ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trd. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018, p. 85.

⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 65-6.

⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70. 2014. p. 194-5.

¹⁰ Há vários biógrafos que contam esta passagem. Neste caso é II Celano. FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004.

desordem estruturada e, portanto deve ser punido e criminalizado, por chegar e instalar a desordem.¹¹

É importante acolher essa *estranheira* em nós para que ao incorporá-la possa fazer parte de nossa identidade. Em outras palavras, não basta acolher com hospitalidade ao estrangeiro, ao outro desigual e totalmente outro, é necessário que ele faça parte do grupo. Devemos ter em conta que é necessário escutar a pessoa que chega no estrangeiro. Na escuta do outro, na linguagem que é presença e é a verdadeira alteridade, porque o eu se abre para acolher o que o outro tem a lhe dizer. Acolher essa infinitude, daquilo que é dito, mas que esconde muito mais do que diz. Quando se recebe o outro necessariamente há modificações, há um desinstalar e, um acomodar-se de maneira diferente para que todos os membros do novo grupo constituído possam viver harmoniosamente¹². Ter que dividir o espaço, e essa luta por espaço vai provocar muitos desencontros e despertar nas pessoas situações constrangedoras. O ciúme infantil de ter que dividir os objetos, ‘brinquedos’, pessoas e o ‘meu mundo’, vai provocar muitas brigas infantis, porque há uma ameaça.¹³

A Hospitalidade condicional – tolerância

Na história nas inúmeras culturas existentes encontramos a figura dos migrantes, estrangeiros, profetas, caminantes do deserto. Há muitas formas de hospitalidade que os donos das posadas e famílias realizavam para estes forasteiros. Há várias culturas. Alain Montandon no livro da *Hospitalidade* nos apresenta a maneira que as culturas da Noruega, Albânia, Romênia, Império Russo, China,

¹¹ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trd. Fernanda Berdardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra, 2009, p. 134-9.

¹² MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In. MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 800-2-3.

¹³ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trd. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018, p. 88.

Vietnã, Japão, Índia, Polinésia, Madagascar, Grécia arcaica e a moderna¹⁴. Nestas culturas podemos ver as diferentes formas de hospitalidade condicional – Tolerância -. Ou seja, aquilo que o hospedeiro tinha que realizar para acolher o hospede. Havia ritos das duas partes que deviam ser seguidos. Desde a maneira de comportar-se, a fala e do alimento. Aqui encontramos claramente a hospitalidade condicionada, que não é outra coisa que a tolerância, é uma resistência ou hostilidade condicionada, do hospede para com aquele que chega, criando regras de resistência e, portanto restritivas. O hospedeiro exige informações para o hostil, antes de dar-lhe pouso, quer saber nome, de onde vêm, porque chega e depois lhe impõe as normas. Seguir os costumes, falar o mesmo idioma. Essas normas são colocadas pelo soberano, por aquele que está com poder de exigir ao totalmente outro às condições para acolhê-lo e dar-lhe pouso.¹⁵

Quando agimos *kantianamente* dentro da norma pensamos que estamos agindo com justiça; estamos agindo dentro do direito que não é a justiça. O direito é o elemento do cálculo que é imposto por aquele que tem poder e força. Que parte da sua premissa que quer que seja universalizada, impondo-a, assim seja pela força. “Eu agiria, como dizia Kant, em conformidade com o dever ou por respeito à lei”.¹⁶ Na sociedade atual encontramos muitas maneiras de tolerar ao estrangeiro que chega, sempre que ele se comporte dentro das condições que os habitantes dos países e culturas lhe impõem. Há medo de acolher os migrantes porque eles podem tirar o trabalho dos autóctones. Medo porque trazem consigo a sua cultura, suas roupas, modos de falar, e medo da mistura da raça. Por isso, se termina criando uma distância e um pré-conceito a respeito dele. Cria-se um abismo com a pessoa que está presentificada como migrante, há uma pessoa que está numa situação de discriminação e não encontra um lugar para viver em dignidade. Quando vemos

¹⁴ Encontramos este material na segunda parte do livro: MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

¹⁵ FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 60-1.

¹⁶ DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trd. Leyla Perrone-moisés. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018, p. 31.

um migrante e reduzimos sua pessoa ao dizermos *ela é migrante*, estamos reduzindo a pessoa a uma categoria. É importante não só ver, mais olhar, observar além da categoria que estamos colocando, abrir os olhos para ver aquilo que não vemos e que existe. É importante não só ver, mas também escutar aquilo que não vemos, mas o estrangeiro ele sim nos vê e tem algo a nos dizer.¹⁷

Quem despreza assume uma atitude de superioridade em relação ao outro, considera que sua etnia, raça, tendência sexual ou crença – seja religiosa ou atea – é superior e que, portanto, a rejeição ao outro está legitimada. Este é um ponto central no mundo das fobias grupais: a convicção de que existe uma relação de assimetria, de que a raça, a etnia, a orientação sexual, a crença religiosa ou atea de quem despreza sejam superiores às de quem é o objeto da rejeição.¹⁸

A presença do estrangeiro já é uma linguagem que nos abre a porta para conhecer aquilo que não vemos. O estrangeiro não é o fim, mas o começo de uma relação que vai trazer felicidade ou não. Dessa maneira, o eu se desarma das projeções feitas, dos inimigos criados na sua racionalidade.¹⁹

Quando deixamos que esse outro seja ele mesmo, e nos colocamos a sua disposição falando o seu mesmo idioma, é o verdadeiro ato de justiça e de hospitalidade. Restaurando assim a injustiça que já foi cometida e que precisa de um ato, ou vários, atos de justiça.²⁰

Hospitalidade incondicional

¹⁷ FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 32-3.

¹⁸ CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Trd. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 23.

¹⁹ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trd. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018, p. 84-5.

²⁰ DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trd. Leyla Perrone-moisés. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018, p. 29.

No momento que o *eu* consegue entender que na sua frente há algo desigual, *não eu*, que não pode projetar-se, começa a aceitar que há uma alteridade. Não quer dizer que lhe seja agradável aceitar a alteridade, mas a reconhece.

A hospitalidade é a ética concreta do acolhimento do outro que chega, que está presente nesse corpo que se nos presentifica, destoando o ambiente de um determinado grupo, é aquele que destoa e que não faz parte do grupo. No exemplo que estou dando da hospitalidade do estrangeiro, principalmente o estrangeiro migrante econômico e indocumentado, ele chega e contamina o novo país, ele na sua extrema vulnerabilidade contesta a lógica dada como certa. É alguém que está fora dessa lógica.

A rejeição e a aversão não é que venham de fora, que sejam de outras raças ou etnias, não incomodam os estrangeiros pelo fato de serem estrangeiros, mas *incomodam, isso sim, que sejam pobres*, que venham a complicar a vida dos que, bem ou mal, vão se defendendo, que não tragam, aparentemente, recursos, mas sim problemas. É o pobre que incomoda, o sem recursos, o desamparo, o que parece que não pode trazer nada de positivo ao PIB do país em que chega ou em que vive há muito tempo, o que, aparentemente, pelo menos, não trará mais do que complicações. É o pobre que, segundo dizem os despreocupados, aumentará os custos da saúde pública, tomará o trabalho dos nativos, será um potencial terrorista, trará valores muito suspeitos.²¹

Portanto, não dá para entendê-lo, por isso é necessário vê-lo com outros olhos, porque o que vemos não é o que vemos, há algo além daquilo que nossos olhos vê²². Fechá-lo em nosso pré-conceito é neutralizá-lo e reduzi-lo a um conceito ou a um fenômeno.

A hospitalidade incondicional é um dom para a acolhida do impossível que chega. Do chegante como nos diz Derrida:

²¹ CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Trd. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 18.

²² FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 172-3.

A exposição hospitaleira ao evento, à vinda, à visitação do chegante imprevisível, não podemos fazer disso o horizonte de uma tarefa, mesmo para a psicanálise que, no entanto, detém algum privilégio na experiência da vinda imprevisível do outro, a chegada do chegante. Mas o que pode, possa ser, tornar-se uma tarefa, amanhã, para a psicanálise, para uma nova razão psicanalítica, para novas Luzes psicanalíticas, é uma revolução que, como todas as revoluções, transigirá com o impossível, negociará o não negociável tornando não-negociável, calculará com o incondicional como tal, com a incondicionalidade inflexível do incondicional.²³

A ética da hospitalidade incondicional é aberta aquele que chega, não há convite nem convocação, porque neste sentido se esperaria o chegante, não impactaria a sua presença, porque há uma preparação anterior, tanto do ambiente a ser condicionado para receber àquele que chega, como a preparação interior para receber o outro. A “hospitalidade da visitação, não da convocação, quando o que chega do outro excede as regras de hospitalidade e torna-se imprevisível aos hospedeiros”.²⁴

Não há preparação prévia, não há consciência, nem adaptação, o aceitar o outro com hospitalidade tem um aspecto de esforço, resignação, sacrifício e aspecto traumático. Mas assim mesmo é acolhido.

A hospitalidade incondicional não tem relação com o pensamento, não tem lógica, nem podemos pensar que a ética da hospitalidade incondicional fecha com a lógica da razão; ela tem outra lógica. Para a razão soa estranho, incongruente, incomoda muito e não fecha com o raciocínio lógico do pensamento totalizante²⁵. A hospitalidade incondicional é constituída por um processo de vários gestos de acolhida, colocando-se no lugar do outro, sem viver a sua vida. É o que Levinas chama de substituição.

²³ DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade*. Trd. Antonio Romane Nogueira; Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001, p. 85-6.

²⁴ DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade*. Trd. Antonio Romane Nogueira; Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001, p. 39.

²⁵ FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 72.

Na ética levinasiana a relação de hospitalidade para com o outro que chega exige superar o rechaço que se sente pelo desigual. Levinas não diz que o hostil como absolutamente outro é bom, mas pela situação de inumanidade indigna na qual se encontra, eu o devo acolher. A ferida que ele provoca em mim, fica sangrando no meu interior, eu devo amá-lo com um amor puro, que ele chama de amor sem concupiscência, porque ele não tem maldade e não tem discurso lógico. Há um impulso de acolhê-lo para tirá-lo da situação de bestialidade e de discriminação que ele se encontra. Mas primeiro eu devo acolhê-lo em mim, olhar na ferida que ele provoca em mim e senti-lo morando em mim.²⁶

A ética da Hospitalidade incondicional dá-se na bondade das pequenas coisas. Nesses gestos de bondade em que há um desinteresse, um sacrifício, mas nesse momento não penso em mim, é pesado fazer o que faço, mas tudo é pouco para fazer pelo outro, para acolhê-lo sem pedir nada em troca. O que eu posso fazer é me doar, sem pensar em mim, não temendo nenhuma retaliação, nem punição, do grupo social ao qual pertença, porque não penso em mim, mas na súplica do outro que chega à extrema indigência, olha-me e pede-me um pedaço de pão, um pouco d'água. “Amor que não é, ainda, o que esta palavra gasta por nossas literaturas e nossas hipocrisias exprime, mas o fato mesmo do aproximar-se de único e, por consequência, do absolutamente outro, rompendo com o que se mostra, isto é, permanece “indivíduo de um gênero”.”²⁷

Aqui, como falávamos anteriormente, se trata do amor sem concupiscência, como puro desinteressamento, como sacrifício. A ética da hospitalidade para Levinas consiste em sacrificarmo-nos pelo outro sem pensarmos em nós. Não é uma atitude heroica, o amor sem concupiscência é totalmente desinteressado, uma vez que eu deixo de pensar em mim, esqueço-me e só penso no outro que está nessa

²⁶ SEBBAH, François Davi. In. RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 199-200

²⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.] Petrópolis: Vozes, 2010, p. 200-1.

situação. O outro com sua presença me interpela e me chama à responsabilidade através da ferida que provoca em mim.²⁸

Conclusão

Portanto, sou convocado diante da situação atual que nos encontramos em que as relações humanas sofrem profundas fraturas e que a cada momento estamos numa atitude de defesa diante do *desconhecido* que se aproxima; e não vemos o rosto do outro, ele se torna o monstro que construímos em nossa cabeça. Por esse motivo devo criar artificios de sobrevivência, muros físicos, intelectuais, emocionais que me protejam desse monstro -sem rosto- para poder sobreviver. Dessa maneira tenho atitudes injustas e justificadas, são aceitas como legais porque me protegem do perigo do invasor.

Devo-me questionar até que ponto eu posso crescer como pessoa relacionando-me somente com o igual a mim. Necessariamente preciso *desconstruir* o monstro do preconceito, ignorância, tolerância e intolerância que geram os monstros sem rosto, e olhar o outro no olho nú, que pede pouso, que lhe faça justiça, que lhe dê acolhida e cura. Nesse momento a hospitalidade incondicional é a possibilidade de uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais humana, com a possibilidade de um amanhã mais esperançoso e fraternal.

REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Trd. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trd. Leyla Perrone-moisés. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

²⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 208.

DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade*. Trd. Antonio Romane Nogueira; Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trd. Fernanda Berndardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra, 2009.

FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2017.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trd. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018.

HUBERMAN-DIDI, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2018.

MONTANDON, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.] Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014.

SEBBAH, François Davi. In. RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e justiça em Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.